

# CULTURA POLÍTICA MENTALIDADES



INSTITUTO DE HISTÓRIA E TEORIA DAS IDEIAS  
FACULDADE DE LETRAS

COIMBRA 1989

Piedade Braga Santos, Teresa S. Rodrigues, Margarida Sá Nogueira, *Lisboa Setecentista Vista por Estrangeiros*, Lisboa, Livros Horizonte, Col. Cidade de Lisboa, 1987, 83 pp.

São abundantes os livros de estrangeiros sobre Portugal setecentista e particularmente sobre Lisboa. Depois do trabalho paciente mas frustrante de Manuel Bernardes Branco, *Portugal e os Estrangeiros*, devemos a melhor compilação e síntese sobre este tema a Castelo Branco Chaves. Para além da sua inestimável obra *Os Livros de Viagens em Portugal no Século XVIII e a Sua Projecção Europeia*, tem este autor contribuído, com grande competência, para a divulgação desta literatura de viagens através das edições críticas da Biblioteca Nacional da série «Portugal e os Estrangeiros». A mais recente publicação desta série é o precioso *Panorama de Lisboa no ano de 1796* por J. B. F. Carrère, cuja tradução, prefácio e notas pertencem àquele autor.

Considerações a propósito da obra em epígrafe que — partindo igualmente dos relatos de Giuseppe Baretti, José Gorani, Dumouriez, W. Dalrymple, A. W. Costigan, Marquês de Bombelles, William Beakford, Murphy, J. B. Carrère, M. Link, R. Southey e R. I. Ruders — constituiu uma síntese possível dos aspectos comuns a estas várias leituras exógenas. Logo, o que unifica esta representação global são os olhares dispersos, e nem sempre coincidentes, lançados sobre o quotidiano, as singularidades do espaço, as diferenças de costumes, os ritos e as festas.

Se alguns autores estrangeiros assinalam com maior ênfase e intencionalidade aspectos que um código de leitura prévio reconhece como diferentes, outros, a coberto de confessados desígnios políticos e económicos, em missões aventurais e de espionagem, salientam, com espírito difamatório, não o lugar comum, mas o lado grotesco do quotidiano e o acontecimento excepcional. Assim se compreende a voga que muitos destes livros sobre Portugal tiveram no período do Directório e durante as invasões francesas.

Pensamos pois que esta natural diversidade de processos e leituras deveria ser, à partida, objecto de um trabalho crítico mais cuidado e minucioso no capítulo introdutório intitulado *Letrados, Aventureiros e Aristocratas*, de par, é claro, com a exigência de uma prosopografia revista e actualizada.

No conjunto, ressalta a visão de uma capital europeia, outrora opulenta, ainda bastante mutilada pelos estragos do terramoto de 1755, assediada pela miséria e pela indigência, e conservando ritos e tradições de carácter religioso que sur-

preendem a sensibilidade do estranho. A questão está em saber-se até que ponto estes traços identificam uma realidade económica, social e cultural ou em que medida a negam pelo recurso ao pitoresco e ao excepcional. Muito terá de se investigar, neste caso, para se perceber o real alcance de uma fonte aparentemente fácil e rica em informações. Por enquanto, vale a pena ler, não só pelo seu colorido e vivacidade, mas também pela mestria que as autoras revelam, os vários quadros que dão forma a esta composição.

Ana Cristina Bartolomeu d'Araújo

Jean Delumeau, Yves Lequin (Dir.), *Les Malheurs des Temps. Histoire des Fléaux et des Calamités en France*, Paris, Larousse, 1987, 519 pp.

Esta obra colectiva que reúne a colaboração de dez historiadores franceses e de um filósofo é, a vários títulos, digna de referência. Trata-se de uma edição muito cuidada, impressa a duas cores, e largamente ilustrada. Como nos diz Jean Delumeau no prefácio, este livro é, antes de mais, um «*corpus de factos*», isto é, uma descrição das calamidades vividas em França e consequentemente, das reacções que suscitaram.

Na longa duração, o sinistro e o infortúnio inscrevem-se como traços fortes de uma linguagem que fala da natureza, indecifrável, imprevisível e castigadora. Assim, — e porque até ao século XIX «as desgraças dos homens foram principalmente causadas pela natureza», — se exclui o tratamento do infortúnio como produto do agir humano. Este outro lado da questão alargaria, ainda mais, o campo de reflexão do historiador. Pois todas as relações e situações de conflituosidade humana jamais poderão ser entendidas de forma linear e mecânica. Na medida em que sobre elas se precipitam sentimentos e representações tornam-se um manancial importante para melhor se compreender, por exemplo, aspirações e afrontamentos religiosos, processos de formação de heróis e ídolos, ou ainda, *lato sensu*, os despojos invisíveis da guerra e da repressão na memória colectiva. Mas estamos já a falar de temas e preocupações que não pertencem a este livro e que talvez, um dia, venham a constituir motivo de tratamento histórico.

Por enquanto, interessa sublinhar que desde o saque de Roma até aos finais do século XIX, se individualizam, no Ocidente, cinco grandes «períodos dramáticos», para utilizar